

## **Sobre os segredos das mulheres: a representação do corpo feminino na medicina ocidental do século XIII.**

Laila Lua Pissinati<sup>1</sup>

*Resumo:* No período medieval, as discussões em torno do corpo feminino e de sua sexualidade misturavam-se aos textos religiosos. A medicina medieval, pouco precisa, era permeada por mitos e concepções tendenciosas. Tal medicina carregava em si os traços das visões sobre o corpo feminino presente na tradição clássica antiga e na tradição médica árabe. Trazia ainda os temores da Igreja e as superstições do imaginário medieval. A tônica deste artigo diz respeito as representações médicas do século XIII sobre os mistérios que acreditam envolver o corpo feminino e a reprodução, principal função delegada à mulher. Para tanto, aqui será analisado as representações do corpo feminino na obra médica intitulada *De secretis mulierum* (sobre os segredos das mulheres), compilada por volta do século XIII, cuja autoria foi atribuída a Albertus Magnus. Partiremos da perspectiva de identidade (homem) e alteridade (mulher), fazendo uso de forma matizada de conceitos oriundos dos estudos de gênero.

*Palavras-chave:* corpo feminino; medicina medieval; representação.

*Abstract:* In the medieval period, discussions about the female body and its sexuality mingled with religious texts. Medieval medicine, little precise, was permeated by myths and tendentious conceptions. Such medicine carried within itself the traces of visions on the female body present in the ancient classical tradition and the Arab medical tradition. It still had the fears of the Church and the superstitions of the medieval imaginary. The focus of this article is on the medical representations of the thirteenth century on the mysteries that believe to involve the female body and reproduction, the main function delegated to women. For this purpose, we will analyse the representations of the female body in the medical work entitled *De secretis mulierum* (on the secrets of women), compiled around the thirteenth century, whose authorship was attributed to Albertus Magnus. We will start from the perspective of identity (man) and alterity (woman), making use of nuances of concepts derived from gender studies.

*Keywords:* female body; medieval medicine; representation.

Por volta do fim do século XIII ou início do XIV foi composto o *De secretis mulierum*. A versão da obra estudada, *Women's Secrets*, traduzida do latim para o inglês, é composta por treze capítulos e uma introdução que discorre sobre o tratado em geral, escrita pela tradutora, Helen Rodnite Lemay. Uma das problemáticas exposta logo na introdução é a discordância entre os estudiosos quanto a autoria da obra. Alguns manuscritos e edições nomeiam Alberto Magno (c. 1200-1280) como autor, contudo, como acredita Lynn Thorndike, o texto é formado parcialmente pelos escritos de Alberto Magno e a outra parte modelada depois do trabalho de Alberto e completada com trechos de autores não identificados. Mas nossa leitura de trabalhos sobre o tratado nos leva a crer

---

<sup>1</sup> Licenciada em História. Universidade Federal do Espírito Santo. lailalua@outlook.com

que, provavelmente, ele foi escrito por um dos discípulos do teólogo e filósofo, visto que são feitas diversas alusões à Alberto durante o tratado. O fato é que sua autoria permanece parcialmente incerta, assim optamos por chamar de pseudo-Alberto Magno o autor do *De secretis mulierum*.

Embora os questionamentos quanto a autoria do *De secretis mulierum* continuem em aberto, quanto ao ambiente em que a obra fora produzida pouco se tem dúvida. Elementos no texto, bem como a estrutura textual, permite-nos apontar a produção em um ambiente monástico. O autor faz menção às confissões, indicando que parte de seus conhecimentos advinham dessa prática. Ainda, é importante mencionar sobre a grande quantidade de edições e manuscritos (83) da obra, que demonstram que as ideias contidas nela tiveram grande projeção e foram amplamente difundidas (SOUZA, 2012). Segundo Margaret Schleissner (1987), a atribuição da autoria da obra à Alberto Magno - filósofo e teólogo dominicano, natural da Suábia, que lecionou na Universidade de Paris de 1245 a 1248 e foi mestre de Tomás de Aquino - assegurou essa ampla circulação durante o fim da Idade Média.

O *De secretis mulierum* é um tratado médico que versa sobre o corpo feminino, tendo como foco a reprodução, principal função delegada à mulher. Tudo indica que essa obra da medicina escolástica foi destinada aos religiosos, isto é, produzida com o intuito de informar aos eclesiásticos, que pouco sabiam, sobre os mistérios do corpo feminino e a reprodução. Ela nos apresenta as ideias que fizeram parte do pensamento acadêmico clerical e filosófico do século XIII e XIV sobre corpo, reprodução, mulher e sexualidade.

Alberto Magno é conhecido por transmitir o saber Aristotélico sobre o mundo natural pela Europa ocidental (LOYN, 1997). A ideia de corpo feminino encontrada em pseudo-Alberto é herança de algo pensado pelos antigos, anterior ao Cristianismo. Le Goff (1995), em seu livro *Os intelectuais na Idade Média*, afirma que Alberto Magno desejava conciliar Aristóteles com a Escritura.

Por tanto, a obra elucidada aqui é pautada nas teorias clássicas formuladas por Aristóteles. Além de Aristóteles, sua autoridade principal, pseudo-Alberto Magno dialoga muito com o que foi pensado por Avicena e Averroes. A maior parte do tratado é baseada na metafísica e astrologia, a medicina como ciência é pouco notada. Lemay reforça na introdução da obra que “embora seu tratado (*De secretis*) seja ‘parte filosófica e parte

medicinal’, a medicina na verdade possui um papel muito menor no método de pseudo-Alberto” (PSEUDO-ALBERTO, 1992).

O título *segredo das mulheres* é muito notado no que diz respeito aos trabalhos dedicados à reprodução, isso por que esse assunto era pouco conhecido e de acesso restrito. A designação de “segredo” denota o desejo masculino dos filósofos e teólogos de conhecer, e talvez, controlar o processo de reprodução no corpo feminino, desde a concepção, a formação do embrião, a determinação do sexo, a função da menstruação à influência astrológica no processo (SANTOS, 2013). A obra ainda, discute a virgindade e a castidade, bem como os problemas do útero, a geração do esperma e os impedimentos da concepção. Nesse sentido, o segredo diz respeito ao controle masculino dos conhecimentos médicos sobre o corpo feminino. Mas, como é possível imaginar, essas obras médicas traziam informações pouco precisas e por vezes equivocadas, sendo grande parte delas construídas sob a ideia de inferioridade do corpo feminino, herdada da teoria aristotélica.

A medicina do século XIII, como já dito, é baseada nos pressupostos aristotélicos e nas obras galênicas. Esse último admitiu e reforçou a teoria humoral do corpo humano. Mesmo admitindo alguma semelhança entre os corpos masculino e o feminino, Aristóteles e Galeno justificavam uma hierarquização entre os dois por conta da diferença da capacidade de cada um em produzir calor. Considerando o corpo do homem quente e seco, enquanto o da mulher frio e úmido, acreditavam que a diferença entre os humores se manifestavam principalmente na disposição do aparelho reprodutor (SOUZA, 2012). Por conta da menor quantidade de calor, o corpo feminino não conseguiu desenvolver plenamente seu órgão genital, diferentemente do masculino, sendo assim o feminino menor e voltado para dentro. Essa lógica trata o aparelho reprodutor feminino como sendo uma espécie de inversão do aparelho masculino, transformando a mulher em um macho defeituoso, inferior e incompleto (LAQUEUR, 2001). Durante toda da Idade Média se perpetuou a ideia de que a mulher é naturalmente fria “e mesmo a que tem nela mais calor não consegue igualar nesse aspecto ao mais frio dos homens” (THOMASSET, 1993). Um trecho do *De secretis mulierum* diz que:

Alguém pode perguntar, se os homens têm uma terceira digestão, por que eles não têm período menstrual? A resposta é que a terceira digestão ocorre no fígado, onde a maior quantidade de calor queima nos homens e por esta razão nenhuma impureza é deixada. Contudo, na

mulher o calor é fraco, e então restam fluidos excessivos (PSEUDO-ALBERTO, p. 71).

A mulher e o homem certamente tem membros similares com respeito a existência de vida, mas não com respeito ao ato da geração. Contudo, de acordo com os médicos apesar da mulher não ter seus genitais para fora, ela entretanto tem seus testículos internos ligados ao útero por trás, e uma veia espermática como o homem tem (PSEUDO-ALBERTO, p. 62).

Tendo então a reprodução como tema principal, pseudo-Alberto ao falar do sexo do feto, fazendo uso de Aristóteles, afirma que a mulher é uma espécie de macho impotente, “pois a natureza sempre intenta reproduzir machos e não fêmeas” (cap. V). Assim, no capítulo V, ele admite que a geração de uma mulher se dá por alguma anomalia nos fatores reprodutivos, então, são consideradas um monstro da natureza, inferiores aos homens. Enquanto o corpo masculino é padrão de perfeição, o feminino é considerado um erro, justificado pela frieza e umidade do organismo delas. Essa frieza e umidade, fazia com que o organismo não conseguisse converter a matéria em substâncias vitais, eliminando os excessos em forma de fluido, menstruação (LAQUEUR, 2001). Pseudo-Alberto Magno explica que a menstruação é um super fluido de alimentos que é expelido do corpo mensalmente.

Em torno do mênstruo surgiram várias interpretações supersticiosas, como a ideia de que o homem que se envolvesse sexualmente com uma mulher nessas condições poderia contrair lepra. No *De secretis mulierum* acham-se os mais curiosos comentários sobre o ciclo menstrual. Considerado normalmente venenoso, numa velha ou numa mulher cujo ciclo era considerado irregular, poderiam sair pelos olhos ao procurarem uma saída, correndo o risco de envenenar crianças.

A razão para isto é que as mulheres são totalmente venenosas no período de sua menstruação que elas envenenam animais pelo seu olhar; elas infectam crianças no berço; elas mancham o mais limpo espelho; e sempre que um homem tiver relações sexuais com elas, elas produzem leprosos e algumas vezes cancerosos (PSEUDO-ALBERTO, cap. I).

Porém, para além desse caráter negativo da menstruação, pode-se perceber que ela, ao mesmo tempo, possui uma função admirável no processo de reprodução:

Alguém pode perguntar por que a menstruação não flui em mulheres grávidas. A resposta é que a menstruação é convertida no interior em alguma coisa, para tanto o texto diz que duas veias vão do útero para os seios, e então o

fluxo menstrual é transferido para os seios, onde ele é cozido e adquire a forma de leite, e retorna pelas veias para nutrir o feto no útero da mãe (PSEUDO-ALBERTO, cap. II).

No *De secretis mulierum*, percebemos a ligação entre as questões menstruais à reprodução. A palavra menstruação é também utilizada como esperma, seguindo a lógica dos fluidos excessivos. Esperma aparece como menstruação na concepção Aristotélica. Uma passagem do primeiro capítulo *Sobre a formação do embrião* diz que:

Quando uma mulher tem relações sexuais com um homem ela libera sua menstruação ao mesmo tempo em que o homem libera seu esperma, e as duas sementes entram na vulva simultaneamente e são misturadas e então a mulher concebe (PSEUDO-ALBERTO, cap. I).

Este volume da obra, bem como outros volumes e manuscritos, é acrescido de comentários de dois autores desconhecidos. Durante todo o tratado, o *comentário A* (baseado na versão de Lyons, 1580) e o *comentário B* (baseado na edição de Veneza, 1508), fazem observações sobre o conteúdo central, e por vezes, há discrepâncias entre a tradição do texto manuscrito e os comentários. Sobre essa passagem destacada acima, o *comentário A* acrescenta que “se um homem ejacula antes da mulher emitir sua menstruação, a concepção não ocorre. Se ambos ejaculam ao mesmo tempo, mas suas sementes não são de tipo ou disposição apropriada, não existe concepção”. O *comentário B* diz que “a menstruação tem uma dupla natureza: uma parte é pura, outra, é impura. A menstruação pura é a própria semente da mulher, que é transformada no interior em substância do feto”. O fato é que essas passagens assumem a participação da chamada “semente” feminina como algo necessário no processo de reprodução, diferente das ideias de Aristóteles.

Os postulados de Aristóteles foram fundamentais para a propagação da misoginia na sociedade medieval. Suas ideias reduziram o papel da mulher na procriação como apenas fornecedora de matéria prima, um receptáculo em que o homem depositaria sua matéria, sendo a semente feminina desprovida de utilidade. Vale a pena comentar que, Galeno acreditava na participação do material feminino na formação do feto, mas com menor influência que o masculino, por ser mais frio. A tradição hipocrática, diferenciava-se dessas duas pois apresentava a formação do embrião como um processo ocorrido a partir da união dos dois sêmens, masculino e feminino, tendo eles as mesmas funções (SOUZA, 2012).

A menstruação é tratada propondo e respondendo algumas questões da sua natureza, os sinais da gravidez, o sexo do feto no útero, se é um homem ou mulher que está no útero, a corrupção da virgindade e a castidade são listados de maneira abreviada. Pseudo-Alberto trata de maneira mais aprofundada sobre a sufocação do útero e os impedimentos da concepção, isto é, sobre as enfermidades femininas. Não se trata aqui de uma preocupação exacerbada com a saúde da mulher, mas uma busca pela solução da dificuldade de concepção. No capítulo intitulado *Acerca dos defeitos do útero*, o autor coloca a matriz (útero) como concentração de males e enfermidades e discorre sobre a sufocação da madre. Nas palavras do autor, “essas enfermidades ocorrem nas mulheres porque estão cheias de corrupções e menstruação venenosa” (cap. XI).

Segundo a teoria hipocrática, o útero não se constitui em um órgão fixo, podendo assim se deslocar pelo corpo feminino e causar desconforto ao ter contato com órgãos superiores, causando assim a doença chamada *sufocação da madre*. Uma explicação imaginária devido à falta de conhecimento sobre o interior do corpo feminino visto que as dissecações de corpos não eram permitidas no período em questão (SANTOS, 2013). Curiosamente, para prevenir e curar essa doença, os médicos indicavam a prática do coito, pois acreditava-se que essa enfermidade era consequência da castidade, logo, da retenção do esperma feminino. Na impossibilidade de realizar o ato sexual, recomenda-se a masturbação a fim de expelir os fluidos retidos. A prática masturbatória deveria ser realizada pelas parteiras, jamais pelos médicos, tendo em vista o tabu em torno do corpo feminino.

No *De secretis mulierum*, citando Galeno como referência nesse assunto, o autor identifica como causa principal do deslocamento do útero até o coração a retenção da menstruação, devido à falta de calor do corpo feminino:

A sufocação, de acordo com as autoridades médicas, é a compressão dos espíritos vitais que saíram do corpo por causa de um defeito do útero, resultando na dificuldade de respirar. Isto acontece quando o útero sai do seu lugar próprio: isso resulta na frieza do coração que provoca na mulher uma síncope, isto é, uma fraqueza do coração e isso é, muitas vezes, acompanhado pela tontura na cabeça (PSEUDO-ALBERTO MAGNO, cap. XI).

[...] Esta enfermidade acontece nas mulheres porque elas estão repletas da menstruação corrupta e venenosa e é bom para elas, sejam jovens ou velhas, que essa matéria possa ser expelida. Por isso, é prudente e bom que essas mulheres, não importam se são jovens ou velhas, sirvam-

se amiúde dos homens para expulsar a dita matéria. Convém muito às jovens que têm abundancia da matéria úmida.[...] (PSEUDO-ALBERTO MAGNO, cap. XI)

Seguindo a tradição do pensamento médico galênico, o trecho revela as tensões entre o pensamento médico laico e o religioso. O primeiro, tenta compreender o funcionamento dos corpos na perspectiva da natureza e acaba propondo outra visão de sexualidade ligada à preservação da saúde, enquanto o pensamento religioso, moralizante, busca restringir a atividade sexual ligado ao tabu do corpo. Portanto, o autor tomar o cuidado de fazer uma ressalva sobre sua prescrição, dizendo que ela vai contra os costumes da sociedade da época.

As observações sobre o corpo feminino e as diferenças entre este e o masculino contribuíram bastante para dar ao saber medieval um aspecto ingênuo e incoerente. As afirmações não abedecem a qualquer verdade científica, mas encontra aparência lógica e apropriada para o contexto. Toda essa ideia da medicina sobre a mulher somada aos postulados eclesiásticos não poderiam ter formado outra visão em relação às mulheres se não o de pecadora e corruptível, sentida ainda no baixo medievo. Isidoro de Sevilha julgou a palavra “feminina” como oriunda da palavra grega *fos*, cujo significado, é força que queima, por conta do forte desejo sexual que se atribuía ao sexo feminino (FONSECA, 2009). Acreditava-se que o pecado entrou no mundo por meio da mulher e de sua sexualidade. A carnalidade feminina fora temida por aquela sociedade. Seu corpo, sempre relacionado aos prazeres da carne, era visto de forma negativa.

## Referências

PSEUDO-ALBERTO MAGNO. De Secretis Mulierum. Trad. Helen Rondine LEMAY. Women's secrets: a translation of Pseudo-Albertus Magnus' De secretis mulierum with commentaries. Albany: University of New York, 1992.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. In: *NOTANDUM* 21. Ano XII - N. 21, 2009.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na idade média. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SANTOS, Dulce Oliveira Amarantes dos. Saúde e enfermidades femininas nos escritos médicos (séculos XIII e XIV. Territórios e Fronteiras (Online), v. 6, p. 7-20, 2013.

SCHLEISSNER, Margaret Rose. Pseudo-Albertus Magnus. *Secreta Mulierum cum comento*, deutsch. Critical Text and Commentary. Ph. D. diss., Princeton University, 1987.

SOUZA, Lidiane Alves de. Incompleto e Imperfeito: as representações do corpo feminino nas obras médicas do século XIII. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio; SILVA, André Candido Da. A sexualidade reprimida: uma análise do feminino na perspectiva de Jacques Le Goff (XII). In: X semana da mulher, 2011, Marília. X semana da Mulher: educação, gênero e movimentos sociais. Marília: UNESP, 2011, p. 274-282.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Dirs). *História das mulheres*. Trad. Maria Helena C. Coelho. Porto: Edições Afrontamento, 1993. Volume 2 - A Idade Média (sob a direção de Christiane KLAPISCH-ZUBER).